

RESENHA

A SÍNDROME DO AVESTRUZ: REFLEXÕES SOBRE A MIOPIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO E ADMINISTRATIVO CONTEMPORÂNEO

LIVRO PÓS-GLOBALIZAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E RACIONALIDADE ECONÔMICA: A SÍNDROME DO AVESTRUZ

Omar Aktouf,

Editora Atlas. São Paulo. 2004. 297 p. ISBN 8522436800

Tradução por Maria Helena C.V. Trylinski

Revisão Técnica por Roberto Roberto Costa Fachin

O livro *Pós-Globalização, Administração e Racionalidade Econômica: A Síndrome do Avestruz* do Professor Omar Aktouf, Titular com Ph. em Management da Ecole des Hautes Études Commerciales (HEC), afiliada à Université de Montréal, surge dentro de uma perspectiva caracterizada pela reflexão crítica e incisiva sobre a forte preocupação com os vetores gerados pelo modelo de pensamento econômico baseado na exploração irrestrita dos diversos recursos existentes no planeta, visando à máxima acumulação de riquezas e capital por parte de indivíduos e organizações empresariais.

Neste salto de reflexões, o autor mergulha de imediato na relação existente entre o paradigma de pensamento econômico vigente com as práticas administrativas que reforçam a manutenção de um *status quo* ampliador da concentração exacerbada de riquezas, da exclusão e da perigosa agressão ambiental. A noção de administração como braço-de-ferro da economia surge neste contexto como alerta aos profissionais destas áreas sobre a necessidade de estarem atentos aos limites e perigos de um modelo de pensamento que possui real capacidade de degradação global.

Entendendo o processo que atualmente vivenciamos como *pós-globalização*, o livro tece indagações no plano dos efeitos já perceptíveis, e de certo modo previsíveis, oriundos das práticas de *mundialização* ou *globalização* adotadas após meado do século XX. Dentre estas práticas, pode-se citar a Criação de Zonas de Livre-Comércio; medidas de ajuste do FMI; desregulamentações; privatizações sem limites; redução do papel econômico dos Estados; ajustes que supostamente beneficiariam a competitividade planetária; políticas deflacionárias e rigidamente monetárias e várias medidas da OMC (p.20-21). O que se torna patente nesta análise é o fato de que, dentro de um panorama planetário, o modelo de globalização defendido pelos países dominantes é desigual e predatório, visto que se baseia nas relações fundamentadas eminentemente pelo viés do pensamento econômico-financeiro.

A *financiarização* dos paradigmas econômicos (entendida como um processo de incorporação míope dos conceitos aristotélicos de crematística aos de economia) é apontada como agravante ao estar associada ao pensamento administrativo bastante difundido na sociedade norte-americana, onde o modelo *Business-Porteriano* torna-se elemento determinante no estabelecimento de objetivos apenas voltados para auferir maximização vantajosa dos retornos.

O risco apontado na obra é o de, inadvertidamente, se conceber o modelo de pensamento administrativo norte-americano (tipo *business-porteriano*) como sendo representativo de uma única teoria administrativa absoluta, onde outros modelos seriam apenas exceções ou formas primitivas/alternativas de se pensar à administração, pois além da administração, em si, não possuir nacionalidade, “a financiarização da concepção dos negócios econômicos e a hegemonia do pensamento de tipo business mesmo no tocante ao social e ao político constituem,

(na opinião do autor), *os sustentáculos de uma só e única lógica, da lógica extremamente redutora que tende a tudo transformar em mercadoria e tudo querer conduzir segundo o modo de administração da empresa privada*” (p.25-26).

Nesta perspectiva, a análise da administração, como instrumento viabilizador da obtenção das diversas formas de mais-valia é explorada, e o autor, admitindo que a superação dos riscos existentes “*só pode, daqui em diante, vir da parceria, da partilha, da proteção do meio ambiente e da renúncia definitiva à maximização do lucro*” (p.139), sugere a substituição do conceito clássico de mais-valia (tanto absoluta quanto relativa) pelo conceito, mesmo parecendo utópico, de mais-valia consentida, otimizada e compartilhada (aquela cujo modo de obtenção respeitaria, ao menos, a integridade e dignidade das pessoas de um lado e da natureza de outro). É neste ponto que a crítica recai sobre a incapacidade da administração em encontrar um real caminho de renovação, na medida em que, como um **avestruz com a cabeça enterrada no chão e o resto do corpo exposto ao perigo**, ela continua a formatar seu modo de operar e justificar seus objetivos na legitimação da hipertrofia corporativa e patronal.

A partir de então, a noção de organização criadora e eficaz, diferenciada do modelo anglo-saxão (*business-porteriano* por excelência) aparece como segunda, ou até terceira, via de resgate do conceito aristotélico de economia, o qual busca em seu núcleo o bem-estar da comunidade e/ou da casa (família), em vez da busca pela acumulação desenfreada de riquezas.

A complexidade dos problemas levantados na obra, levaram o autor a lançar mão dos conceitos da termodinâmica para evidenciar que o modelo puramente extrativista-exploratório de uma economia baseada no conceito de plena e ampla busca pela maximização dos lucros, gera cada vez mais entropia, ampliando os três

fenômenos planetários que atualmente percebe-se como presentes. São eles: 1- as quedas tendênciais das taxas de lucro; 2- a pauperização global generalizada e a 3- pauperização do sistema capitalista. Em termos gerais, a argumentação recai na premissa de *“que existe um vínculo inescapável entre teorias de sistemas, termodinâmica e economia, por intermédio de uma equivalência entre energia-trabalho-transformação”* (p.178). Compreendendo que a entropia organizacional interna da empresa é neutralizada pela absorção de diversos recursos do ecossistema do planeta, e que a capacidade de oferta de recursos do planeta é limitada (e não renovada pelas organizações empresariais), a cada momento, torna-se difícil obter os recursos para a geração de mais-valia e conseqüentemente manter as margens de lucro elevadas sem degradar ainda mais o ecossistema (tanto sob o aspecto ambiental, quanto sob o aspecto político e social).

Fora o risco de que a acomodação ecossistêmica frente às agressões gere uma nova ordem incapaz *“de manter a presença humana na Terra”* (p.198), o autor argumenta que a única saída incontornável para o enfrentamento desta *“prevista crise mundial”* está baseada na incorporação de um modelo que concretize a cooperação, o enfrentamento da especulação e a garantia de reposição dos recursos ao ritmo de utilização.

Conseqüentemente, o *“fator humano”* torna-se determinante na superação destas questões, visto que o homem além de ser a peça central das organizações (não devendo mais ser visto apenas como uma máquina de realizar tarefas), representa o recurso mais importante (por mais que na prática se perceba o contrário). É a partir do uso adequado do capital humano que a empresa dita inteligente terá em excesso sinergia e consenso de seus integrantes em prol da obtenção de objetivos humanistas, comuns e compartilhados. Este é considerado

como “o único modo de enfrentar o aumento de complexidade unanimemente visto como um dos desafios maiores da gestão nos dias de hoje” (p.220), devendo a organização buscar este enfrentamento voltado para as quatro rupturas provocadas pelo trabalho alienante, isto é, as rupturas ocorridas com: 1- o Produto; 2- o ato do trabalho; 3- com a natureza e com 4- o próprio humano.

Por fim, o autor navega em sua conclusão, apresentando o conceito de “Empresa Cidadã” como meio efetivo de mudança na concepção tradicional de funcionamento das organizações empresariais e sugere soluções alternativas. No nível mundial, a aplicação da Taxa Tobin e intervenções do FMI no sentido de pressionar as multinacionais a pagarem salários mais decentes aos trabalhadores do terceiro mundo, são indicadas como ações necessárias. No nível macroeconômico, apontam-se sugestões na busca de mecanismos formais visando separar as políticas econômicas da conjuntura eleitoral e na abolição do salariado, promovendo a variabilidade das rendas inclusive para os proprietários, dirigentes, acionistas, capital e fundos, em função dos resultados reais da economia. Já no nível mesoeconômico, torna-se imprescindível a proteção e fiscalização rigorosa pelo Estado dos setores estratégicos de Saúde, Educação, Transporte, Cultura, Comunicação, Habitação e Alimentação. Por último, no nível microeconômico, as sugestões apontam à necessidade de: 1-desmistificação de que o dirigente é a única “cabeça pensante” na organização; 2-promoção do aumento da classe média através de remunerações dignas aos empregados; 3-ampliação da base de redistribuição de resultados (lucros) com a participação dos diversos componentes da organização empresarial e 4-implementação de *Escolas de Gestão* que possibilitem a capacitação/formação de gestores/administradores capazes de

atuarem mais voltados para a proteção/conservação do que para a exploração e crescimento temerário.

A *Síndrome do Avestruz*, longe de ser considerado como um simples conjunto de argumentos que contrapõe o atual modelo de pensamento econômico e de prática administrativa *business-porteriano*, pode ser entendido como um excitante exercício de auto-reflexão, na medida em remete os atores que compõe o cenário social, político, econômico e financeiro a indagarem seus próprios modelos de pensamento e as possíveis conseqüências provenientes de suas ações.

A cada momento, uma vasta literatura crítica vem sendo produzida sobre as diversas conseqüências oriundas do processo de mundialização da economia. O livro do professor Omar Aktouf, em função de suas argumentações provocativas (as quais impulsionam o leitor na vereda dos atuais limites do pensamento contemporâneo), é considerado como fonte indispensável para profissionais que atuam ou se interessam pelas áreas de ciências humanas e sociais, bem como para empresários, gestores e políticos, os quais a todo o momento estão à frente das principais tomadas de decisões estratégicas em nossa sociedade.

Alexandre Gomes Galindo
Mestre em Administração pela Universidade Estadual do Ceará – UECE